

A formação e a prática da pesquisa interdisciplinar no Brasil: uma entrevista com Djalma Thürler

The development and practice of interdisciplinary research in Brazil: an interview with Djalma Thürler

Caroline Bresolin Maia Cadore

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH/UFSC)
carolbresolinm@gmail.com.br
<https://orcid.org/0000-0003-4975-0884> 

Bárbara de Carvalho Ortega

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH/UFSC)
barbarao.ortega@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-6724-4400> 

Clara Urzedo Rocha Motta

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH/UFSC)
clara.urm@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-7065-9765> 

Ana Terra de Leon

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH/UFSC)
anatdeleon@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0008-0624-2517> 

Djalma Thürler

Coordenador da Câmara 2 – Sociais e Humanidades - da Área Interdisciplinar da Capes.
 Professor do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências (IHAC)
 Universidade Federal da Bahia (UFBA)
djalmathurler@uol.com.br
<https://orcid.org/0000-0002-9161-0300> 

A lista completa com informações sobre os autores está no final da entrevista 

Palavras-chave: Pesquisa Interdisciplinar; Ciências Humanas; Formação; CAPES.

Keywords: Interdisciplinary Research; Human Sciences; Education; CAPES.

Introdução

No dia 03 de abril de 2024, o Professor Djalma Thürler – Coordenador da Câmara 2 da Área Interdisciplinar da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pesquisa e Ensino Superior (CAPES) e professor da Universidade Federal da Bahia (UFBA) - esteve na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) para a realização da Aula Magna do Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH), intitulado “Pensando a ciência interdisciplinar: notas para uma reprogramação descolonizatória” e outras atividades institucionais.

Nesse ínterim, um coletivo de discentes do PPGICH/UFSC se reuniu para elaborar algumas questões acerca da especificidade da formação interdisciplinar em seus aspectos práticos, metodológicos e políticos. Nesse sentido, a entrevista que ocorreu no dia 4 de abril, quinta-feira, na UFSC, objetivou trazer para cena as nuances da prática da pesquisa interdisciplinar e os anseios vividos pelos discentes e egressos do programa a respeito da disputa por espaço e reconhecimento no contato com outros campos disciplinares.

* * *

Entrevistadoras: Professor Djalma, vimos que sua trajetória cruza diferentes áreas do conhecimento (Artes, Educação, Gênero, etc.), não apenas pela Academia, mas também pelos movimentos artísticos e que hoje, atua como Coordenador da Câmara 2 da Área Interdisciplinar na CAPES. Como o senhor se inseriu nessa área?

Djalma Thürler: Essa pergunta é muito interessante, porque no início isso não foi uma agência. Eu acho a difusão da ciência, em meados dos anos 1980 - quando eu entrei na universidade em 1986, 1987 - com pouco impacto. Então, você não sabe muito bem o que são as Áreas do Conhecimento, suas divisões em grandes Áreas e não sabe exatamente que o diálogo, o trânsito entre elas recebia o nome de interdisciplinar.

É importante frisar que eu sou filho de pai militar. Isso nos anos 80 significava muita coisa. Eu sempre quis ser artista e isso era um assunto intocável em casa. E nós éramos muito submissos aos pais, era uma outra geração; era “não, não” e acabou. O “não” não tinha reticências: era Não. Bom, eu tinha uma grande vocação para a Área da Educação e sempre fui o que na época chamavam de “CDF”: era muito estudo, gostava muito da escola e de todas as disciplinas. Eu ajudava os colegas e tinha isso como um prazer muito grande.

No impedimento de fazer Artes, eu fui fazer Pedagogia – o que significava, talvez, ficar um pouco mais distante de comportamentos disruptivos e “modernosos”. Porém, não era muito diferente, porque a minha turma era 99% de mulheres. Era eu e 49 mulheres em sala, então, se esse era um dos medos do meu pai... Enfim, eu fui ali abraçado por elas e fiz o curso de Pedagogia com muito prazer, gostei muito. Isso dos 17 anos até os 21. Depois fiz um concurso público, entrei muito jovem para dar aulas. Passei por todos os segmentos da educação, da alfabetização ao doutorado. Então, eu sou professor.

E quando eu já estava empregado em um concurso público, fui fazer faculdade de Artes Cênicas. E tem um dado importante, só pra contextualizar: como meu pai é militar, tinha muita preocupação com o futuro da gente. No Ensino Médio, ao invés de fazer o ensino comum, ele nos colocou para fazer técnico profissionalizante; eu sou técnico em Administração. E isso fez com que várias disciplinas do currículo normal fossem substituídas pelas técnicas profissionais ... Literatura brasileira, por exemplo, eu não fiz no Ensino Médio.

Quando eu entrei na faculdade de Artes Cênicas, eu comecei como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Ciênciia (PIBIC) de uma grande historiadora do teatro, Tânia Brandão. Eu não tinha noção do que era a história do teatro brasileiro, concomitante a história da literatura brasileira, que eu não tinha tido. Eu não sabia nada. Então, fui fazer uma especialização em Literatura Brasileira na Universidade Federal Fluminense com grandes nomes como Silviano Santiago, Domingos Proença Filho, que davam aula de Literatura na UFF. Essa foi a minha formação em Literatura. Eu já tinha Educação, já era Pedagogo, eu estava fazendo Artes Cênicas, fui fazer Literatura Brasileira; comecei aí um trânsito.

Quando terminei essas formações, fui fazer um mestrado interdisciplinar, que também não sabia que era interdisciplinar. Um mestrado em Ciência da Arte, na própria UFF. E depois, um doutorado em Literatura Comparada e Outras Artes, que embora seja da área de Letras, tinha uma prática muito interdisciplinar. Eu trabalhei com Literatura e Teatro.

O que me marcou um pouco nessa encruzilhada de conhecimentos foi uma pergunta que minha mãe fez na época. Ela dizia assim: “todo mundo me pergunta o que você é, e eu não sei o que você é. O que você faz?”. Bom, isso é na altura de 2003, eu já estava dando aula na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e falei assim: “Eu sou um professor que dou aula de literatura, mas ao invés de trabalhar com os romances, eu trabalho com a dramaturgia”. E ali eu já procurava extrair da literatura certas questões

de poder, que não estavam só concentradas no gênero, mas no poder de maneira geral, sem ainda nomear isso, porque não tinha ainda repertório teórico.

Eu estava muito infeliz lá na UFRJ, no Rio de Janeiro, em 2003, fiquei até 2008 e planejei sair. E sou taurino com capricórnio, então assim ... Uma mudança como essa custa muito! Não sabia se iria. Inclusive, pensei para onde eu não iria, porque fiz um trabalho para o Sesc Nacional de oficina de Dramaturgia, então eu conheci todo o país, sem nenhum exagero, do Oiapoque ao Chuí. Essa experiência me permitiu saber para onde eu não iria. Sou uma pessoa citadina, eu gosto da urbanidade, eu gosto dos problemas e do gozo da urbanidade.

No plano de fuga do Rio de Janeiro, eu escolhi Santa Catarina e Salvador. Eu nem sabia que era pelo mar – porque isso depois fez mais sentido. Mas a Bahia me chamou primeiro, abriu a primeira chance com um concurso, que era para qualquer área de formação. Então, entrei no IHAC [Instituto de Humanidades, Artes & Ciências Professor Milton Santos], um Instituto que era interdisciplinar desde a graduação até a pós-graduação. Ali eu vi que não seria um Pedagogo, também não seria um Professor de Letras e tampouco de Teatro. Mas eu teria que fazer o cruzamento disso.

Fui recebido pelo professor Leandro Colling, que é um grande amigo meu e tinha à época o Grupo de Pesquisa em Cultura e Sexualidade (CuS/UFBA), que atualmente é um dos principais grupos do país que discute as questões de gênero e sexualidade, na época, notadamente, a Teoria Queer.

Em seguida entrei no CuS e entendi que tudo o que eu tinha adquirido deveria pôr em diálogo com as questões discutidas no curso, que eram as questões de gênero e sexualidade. Então, a partir de 2008, essa encruzilhada de conhecimentos começa a ser uma agência. Antes eu fazia porque eu achava que ia complementar a minha formação, mas não sabia que podia agenciar isso e chamar de interdisciplinar. A partir de 2008 isso se torna uma agência e começo a discutir a arte a partir dessas questões com foco especialmente nas masculinidades. O que eu tenho mais produzido, mais pensado, é sobre as masculinidades. Então nasce esse perfil interdisciplinar, inclusive nominado no Lattes. Se vocês virem lá eu sou um pesquisador interdisciplinar, é assim que eu me identifico.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) em 2010, me convidou para fazer parte de uma etapa de avaliação em Brasília, e eu fui. Eu gosto dessa parte da gestão. Muitos de nós não gostam da parte da gestão, eu gosto muito. E quando eu cheguei lá em Brasília, eu gostei, mais do que isso, eu entendi a importância do trabalho na CAPES.

Eu comecei como consultor e fui repetindo essa função diversas vezes. Virei uma espécie de consultor sênior, um dos mais experientes. A eleição para coordenação de Área é quadrienal e quem elege são os coordenadores de cursos. Por minha felicidade, fui indicado por muitos coordenadores no último quadriênio, no final de 2022. E eu mandei o plano quadrienal de trabalho, mas não me escolheram, escolheram o Eduardo Winter, que me convidou para assumir o cargo de Coordenador da Câmara 2 – Sociais, Culturas e Humanidades, que eu desempenho desde o início de 2023. Esse é o meu percurso até chegar aqui nesse papel, que eu acho de extrema importância.

Entrevistadoras: Muito se fala da importância da interdisciplinaridade, mas há uma dificuldade de implementação do ponto de vista institucional. Gostaríamos de saber quais são os principais desafios acadêmicos para a consolidação da área interdisciplinar?

Djalma Thürler: Hoje a Área Interdisciplinar é a maior Área de Conhecimento da CAPES. É a Área que mais demandas recebe de novas propostas de cursos. A gente vai avaliar em junho, só na Câmara 2, cerca de 55 propostas. Tem área que recebe 8 propostas. É uma logística, inclusive, complexa porque cada consultor avalia três propostas. Então, eu preciso de um número maior de consultores para avaliar. Bom, ela é uma Área bastante demandada, mas eu ainda sinto que a gente tem alguns desafios.

Primeiro, acho que as pessoas têm evitado, ou têm muito cuidado em dizer, o que é interdisciplinaridade. Eu acho que a gente tem que superar isso. E talvez isso ajude a gente a consolidar a Área. Se você entende o conceito, você sabe com mais precisão o que você está fazendo. Durante muito tempo as palavras multidisciplinar, interdisciplinar e transdisciplinar ficaram em um lugar “indefinível”. Acho que esse receio de definição atrasou muito o entendimento do seu processo metodológico, do seu processo epistemológico. Hoje a Câmara 2 não tem dúvidas sobre o que ela pensa da área interdisciplinar: é exatamente o anúncio de um diálogo entre Áreas para a criação de um novo conhecimento, inovador e complexo.

É diferente de uma pessoa da área de Antropologia realizar uma conversa com alguém da área de Letras. Essa conversa não é a interdisciplinaridade. Ela pode ser uma excelente conversa, mas ela não é interdisciplinar. Eles podem falar sobre o mesmo assunto. Um fala sob o viés da Antropologia, o outro fala sob o viés das Letras, e tudo certo. Vai ser uma conversa rica, mas isso não é a interdisciplinaridade.

Agora, quando eu me associo a esse pesquisador da Antropologia e reúno, extraio da área da Antropologia um conjunto teórico, metodológico ou epistemológico para aplicar

no universo das Letras em busca de uma investigação; aí sim eu estou fazendo um caminho interdisciplinar. E eu estou fazendo um caminho interdisciplinar, talvez de média ou alta complexidade, porque eu estou fazendo um diálogo entre diferentes Áreas do conhecimento – uma vez que Letras está na grande área de Letras no nicho de Artes e Antropologia nas Ciências Humanas.

À medida que eu vou distanciando as Áreas, vou buscando uma complexidade maior de pesquisa e gerando um conhecimento inovador, que é o mais importante. Porque esse novo conhecimento ... e essa palavra é chave para a identidade interdisciplinar, que é a palavra “inovação”. Porque esse conhecimento novo não está na área de Antropologia, e também não está na área de Letras. Se ele é, notadamente, um diálogo entre esses dois campos de conhecimento, ele é interdisciplinar. Então é isso o que eu acho que precisa ser entendido para que a gente consiga consolidar os processos interdisciplinares. Porque podemos sozinhos falar sobre um assunto com olhares amplos, com várias camadas, e pode ser um olhar plural, mas não será um olhar interdisciplinar.

Logo, a interdisciplinaridade é um processo, um procedimento metodológico e científico, que faz o diálogo entre as áreas gerarem conhecimento inovador. Preocupado em resolver problemas que são complexos.

Isso não significa em nenhum momento desconsiderar os estudos disciplinares. Eles são absolutamente fundamentais porque são esses estudos que vão nutrir o nosso diálogo, para que a gente consiga capturá-los e gerar um novo conhecimento. E acho que isso, dentro da nossa história de formação científica, apesar da Área oficialmente ter sido criada em 1998, ela ainda é uma área que causa dúvidas. Não só dúvidas nos estudantes que se candidatam a um curso como esse [o Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da UFSC], como na prática dos professores. Porque quase sempre – embora programas como esse tenham 30 anos – a maior parte dos professores veio de formações disciplinares.

A formação disciplinar engessa, impede o diálogo. A interdisciplinaridade é, de verdade, um contradiscurso a essa ciência mais hegemônica, positivista, que não só criou um método global e totalitário de pesquisa, mas também que constrói o imaginário do pesquisador, desse douto, catedrático. Então, acho que a interdisciplinaridade desconstrói isso e propõe uma ciência pé no chão. E a nossa prática precisa ser essa: do diálogo constante, da parceria constante, de que as áreas conjuntas são importantes para as resoluções dos problemas sociais e que não cabe vaidade, nem salto alto num tipo de proposta como essa. Porque se você diz “isso não é da minha área, isso não é do meu interesse”, não há nenhum problema nisso, mas está certo que o seu lugar não é na área

interdisciplinar. Então, acho que é isso que para mim tem sido o grande desafio, fazer com que a gente entenda que as práticas interdisciplinares são importantes para o processo formativo dos alunos.

Entrevistadoras: Conversando com essa questão do engessamento da disciplina e a necessidade de um real diálogo, quais são os desafios e a importância da coautoria na construção de um trabalho colaborativo e interdisciplinar?

Djalma Thürler: Isso tudo [a coautoria e o trabalho colaborativo] é indicador de avaliação: a coorientação, a aula compartilhada, a publicação com outra pessoa ou com outras pessoas. Eu vou te dar um exemplo, só para ilustrar, nem acho que os exemplos são importantes, eles às vezes impedem a capacidade de abstração, mas durante a pandemia, assisti uma série da Netflix chamada “Versailles”, sobre a Corte do Rei francês Luís XIV. É particularmente muito interessante, mas eu fico muito fascinado com um personagem que é o irmão do Luiz XIV, uma espécie de personagem *proto-queer*: o Filipe II, interpretado pelo ator Alexander Vlahos.

Eu queria escrever sobre esse personagem. Então fiz, inicialmente, um processo de atualização de um conceito que eu queria utilizar na leitura do personagem, que é o do *camp* (muito usado na questão de gênero e sexualidade). Mas eu chegava em algum momento do texto como os hábitos da Corte de Luiz XIV, a política da Corte, e eu parava nisso, sublinhava em amarelo e deixava. E o amarelo era: “isso tem que ser desenvolvido por alguém da História”. Então convidei três pessoas da História que, porventura, não puderam realizar o trabalho. Eu não queria jogar fora esse estudo. Por fim, deixei o Filipe guardado e peguei uma peça do Tennessee Williams, que é um autor estadunidense importante, e apliquei esse conceito numa personagem dele. Eu publiquei sozinho na Revista Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC), lá no Rio Grande do Sul. Escrevi sozinho o artigo “And tell sad stories of the death of queens: o camp e a metáfora da vida como teatro” (2021). O que eu quero dizer com isso é que o trabalho coletivo é fundamental. Eu fico achando que o estudo sobre o Filipe II seria mais rico do que o estudo que eu fiz sobre a Literatura. E por que eu escrevi sozinho? Porque eu sou das Letras, porque eu sou do Teatro. Então, eu sozinho dou conta disso. Eu não preciso ter alguém para fazer essa parceria, mas para o outro, com perspectiva histórica, precisaria. E é isso que acho interessante, essa conexão com outra Área. O conhecimento que teria sido gerado com a História seria outro.

Entrevistadoras: Esse exercício interdisciplinar de coautoria acaba por ser, longe de entrar num discurso moralista, um exercício de humildade. Um exercício de se despir desses valores que permeiam tanto a nossa sociedade quanto o ambiente acadêmico, a fim de construir um outro conhecimento que se poderia construir sozinha, mas que não ficaria tão bom se estivesse sozinha. E pra isso preciso de alguém.

Djalma Thürler: Exatamente. Só pra vocês terem uma ideia, eu fiz um levantamento das minhas últimas produções de 2018 em diante, identificando as revistas e a Área de Conhecimento. Existem Área das Artes, da Educação e da Literatura, mas, também, as Áreas da Filosofia, da Sociologia e da Antropologia. Isso mostra um pouco que a minha produção está na encruzilhada entre as Artes e as Ciências Humanas – que é o meu propósito, a minha missão é fazer produção de conhecimento imbricada a essas Áreas. Então, às vezes as pessoas falam que a área interdisciplinar não tem muitas revistas, mas se o seu assunto é interdisciplinar ele pode interessar as áreas afins. É um pouco isso que eu tenho feito e buscado.

Entrevistadoras: Inclusive, em relação a esses desafios da interdisciplinaridade, a questão da atuação discente é um ponto que vem ganhando mais força nas avaliações da CAPES. Não só a partir da produção dos artigos, como em relação ao impacto social. O senhor diria que essa atuação tem sido igualmente perseguida como um objetivo por parte dos docentes ou dos programas? Como o senhor observa a possibilidade de uma maior horizontalidade e atuação por parte dos discentes, que poderia impactar a metodologia em sala de aula?

Djalma Thürler: Eu acho que essa horizontalidade é um princípio da interdisciplinaridade. Falei também ontem sobre uma questão de composição de bancas, por exemplo, com pessoas da comunidade extra-acadêmica, que não são doutoras. Seria perfeitamente possível que alguém da comunidade pudesse participar na construção de conhecimento, nesse caso transdisciplinar, porque você estaria rompendo com a questão das áreas “oficiais” do conhecimento e trazendo para o diálogo um conhecimento da rua, um conhecimento não formal.

Isso eu acho que é importante. A aula conjunta, como já falamos, é um princípio da interdisciplinaridade; ela precisa ser feita dessa forma. E as metodologias, as formas para que isso aconteça, os exemplos de como isso pode acontecer são inúmeros. Nos nossos 379 programas, talvez cada um deles tenha uma tecnologia de aula coletiva.

A CAPES não avalia essa qualidade, essa metodologia. E isso não pode ser confortável para o professor. “Eu dou aula com o professor, mas eu dou seis aulas, o outro dá seis aulas”. Isso não é exatamente aula coletiva. Esse processo tem que ser avaliado pelo colegiado, o curso tem que avaliar isso. Qual é o fim dessa aula coletiva, seu objetivo? É a formação mais complexa para os estudantes. Então ela pode e deve, inclusive, ser experimentada de outras maneiras, para saber como que isso pode acontecer. Sendo, por princípio, horizontalizada, a área interdisciplinar pode se valer do conhecimento discente para também promover esse tipo [de metodologia] ... Imagina, você está numa aula com pessoas oriundas das mais diversas áreas. Eu não estou dando aula de Letras para alunos que vêm das Letras. Estou dando aula de Teoria da Cultura, Teoria do Gênero, Introdução ao Gênero para pessoas que vêm de diversas áreas do conhecimento. Então esse conhecimento, ele é por si só rico. A participação dos alunos na construção desse “conhecimento úmido”, para intertextualizar com o Rafael Haddock-Lobo (2007), desse conhecimento interdisciplinar, é fundamental.

Eu acho também que isso faz parte do desafio da formação disciplinar. Algumas pessoas ainda acham que elas são as donas do conhecimento, quando, na verdade, isso mudou muito com a tecnologia. Hoje, nós somos muito mais mediadores do conhecimento do que efetivamente donos de uma verdade. Eu acho que a participação do estudante é fundamental e isso poderia garantir aos estudantes essa construção da identidade de pesquisa. O estudante não tem um prato feito na formação. Ele tem poucas disciplinas obrigatórias e um leque de optativas que ele pode fazer em qualquer outro Programa de Pós-Graduação. Porque se você acha que ali do lado [em outro Programa] está tendo uma disciplina sobre Marxismo que vai ser fundamental para o seu trabalho, você vai fazer essa disciplina. Você não é obrigado a fazer disciplinas que não vão fortalecer a tua formação para defender aquele projeto. Então, essa liberdade também é complicada, porque a gente não é acostumado com liberdade. A liberdade é um bem preciosíssimo, mas que às vezes a gente não sabe o que fazer com ele.

É um sintoma de uma formação disciplinar, mas o que não impede, por exemplo, o que eu tenho feito: eu pego dos programas de pós da UFBA, coloco as disciplinas ofertadas no primeiro semestre de 2024, faço um mapa na minha frente com os meus orientandos. Então, digo: “Você que está trabalhando com esse tema, tem alguma optativa do nosso programa que vai colaborar? Não. No nosso programa não, mas vamos ver aqui ... Na antropologia tem uma que é a Teoria Queer. E você está falando sobre autoria queer no teatro contemporâneo? É fundamental que você curse essa aqui”. Esse mapeamento eu faço com os meus alunos por conta disso. Porque acho que ninguém no Programa,

eu, muito menos, e ninguém no programa vai dar a você a formação interdisciplinar que você tem que ter.

Então, isso é um pouco a vaidade que você não pode ter. Temos que oferecer a melhor ambientes intelectuais possíveis para o estudante. Acho que essa expressão é muito importante no nosso processo: ambiente intelectual. Isso vai desde a estrutura física – você tem que ter uma salinha pra você ficar escrevendo, boa internet pra você entrar –, e você tem que ter uma ambientes intelectuais. Ou seja, o orientador tem esse papel de oferecer. Ele não vai determinar nada, porque a liberdade é sua, você tem essa agência, mas ele tem um papel importante nessa orientação. O sintoma, normalmente, é que a gente não consegue fazer isso com muita facilidade. Porque a nossa formação é muito tradicional, disciplinar e binária.

Entrevistadoras: Vamos agora ao grande “elefante na sala” dos programas de pós interdisciplinares: a questão da atuação profissional. As oportunidades no mercado de trabalho para egressos desses programas é uma questão latente que atravessa diferentes gerações de pós-graduandos. São poucos os editais para professor de alguma disciplina específica que abrem espaço para pós-graduações interdisciplinares. O fato desses programas estarem alocados na Grande Área Multidisciplinar dentro da CAPES e não na de Ciências Humanas, limita e muitas vezes impossibilita a participação em processos seletivos. É como se, de alguma maneira, a pós interdisciplinar ficasse em uma espécie de limbo em relação às áreas aceitas para o preenchimento das vagas nos editais. Esse contexto leva muitos estudantes que buscam uma prática de pesquisa interdisciplinar à insegurança, afinal, no plano prático da existência, é um tanto frustrante formar-se e não poder concorrer a concursos públicos em virtude da escassez de editais que considerem a formação interdisciplinar. Dito isso, como o senhor avalia esse cenário exposto? Compreendemos os limites da CAPES no que diz respeito à formulação de editais, mas existem movimentos para avaliação e construção de estratégias para mudança deste cenário?

Djalma Thürler: Essa reclamação se dá no Brasil inteiro. O que é muito paradoxal, porque nós somos a Área mais procurada. Então, é um paradoxo, uma conta que não fecha. Se a Área interdisciplinar não garante uma empregabilidade depois de formado, por que tanta gente tá querendo fazer? É um paradoxo que a gente tem que resolver. Respondendo a sua pergunta, eu acho que, como a CAPES não pode interferir nisso - ela pode abrir um debate público, ela pode conversar com Pró-Reitorias - mas eu acho que

quem vai fazer isso mudar são as pessoas que estão entrando na Universidade ... Ontem eu dizia no começo da palestra que há um reconhecimento que a pesquisa interdisciplinar é imprescindível para os dias de hoje. Então, a ideia de que o sociólogo só fala de Sociologia ou de Letras só dá aula de métrica de poesias clássicas não é verdadeira. As questões contemporâneas, que são questões complexas, estão atravessando todas as Áreas do Conhecimento. Me parece que isso é um processo, e o processo histórico é um processo lento. Eu acho que a gente tem uma área nova e a sua consolidação ainda está em processo, e acho que isso pode modificar as cabeças que estão pensando esses concursos públicos.

Agora, é muito interessante também, por um outro ponto de vista, quando a gente pega os relatórios dos nossos programas. Neles, há um campo específico para identificar onde os egressos estão atuando, a diversidade de atuação dos egressos. Isso é muito interessante. Como foi dito hoje, seria muito interessante que nós pudéssemos ter acesso ao relatório para que a gente soubesse onde essas pessoas estão indo trabalhar. Eu achei a ideia ótima. As pessoas estão trabalhando em muitos lugares além dos IFES e Universidades. São desempenhos importantes, inovadores em alguns locais. Isso é um dado que nós temos, porque os programas nos dão essa informação. Eu acho que isso daria para os alunos uma ideia de que as universidades têm uma questão limitadora, quando elas colocam áreas afins nos editais para seleção, por exemplo, isso dá uma certa abertura, não te impede de fazer o concurso. Eu acho que é um mapeamento importante para os nossos alunos do Brasil, saber onde as pessoas estão atuando. E, de repente, até por recorte regional. Eu quero levar isso à frente dentro da CAPES. Acho que é uma angústia que existe e as cabeças estão sendo preparadas para enfrentar esse debate, que é uma questão de poder.

Para você ter uma ideia, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) não tem uma Área Interdisciplinar. Se a CAPES avalia o coletivo, corpo discente e o corpo docente, o CNPQ, por sua vez, avalia o pesquisador. O PQ, o 1A, o 1B, é “O” pesquisador. E nós que somos interdisciplinares não temos um lugar, não temos ali uma Câmara para chamar de nossa.

Entrevistadoras: Em relação a resposta anterior, o senhor consegue mapear essas outras possibilidades de atuações profissionais?

Djalma Thürler: Eu me lembro, bastante evidente, dos cargos de gestão. Cargos de gestão são muito comuns. Consultorias. Talvez isso. Muitos dos nossos egressos vão

ser diretores de fundação, secretários de cultura, diretores de algum lugar que trabalhe com as questões que discutiram em suas teses, essas discussões que hoje estão na pauta social: gênero, raça, meio ambiente. Isso é interessante, poder atuar em espaços de decisão e de poder a partir das discussões feitas pelos programas interdisciplinares. Muitas vezes macropolíticos, porque são as pessoas que estão ali dando dinheiro para as políticas públicas. Em Abaetetuba, por exemplo, uma estudante é diretora de financiamento do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) e está fazendo o curso com eles [o programa] de Ciência, Território e Identidade em Abaetetuba e tem cargo de importância. Isso tem acontecido muito com os nossos programas: pessoas que saem para atuar na gestão pública, na direção de centros, enfim, alguma coisa com essa importância.

A gente tem um entrave com a universidade, que às vezes fecha a formação, mas a gente tem um outro leque que, mais uma vez, eu acho que se a gente conseguir divulgar isso, vai ser importante para os estudantes.

Seria importante se tivesse vaga para todo mundo. Agora vai ter uma expansão imensa dos IFES no Brasil inteiro. Uma coisa também que é importante: ao menos até os anos 1990, 1995 a gente que estava no eixo Rio-São Paulo não era orientado a pensar no Brasil como um todo. Hoje é muito diferente: eu vou para Boa Vista, em Roraima, visitar um programa nosso [da Grande Área Multidisciplinar da CAPES], eu tenho quatro professores da USP. Eu vou para Manaus, tem professores do Rio Grande do Sul. Então, hoje isso existe por conta da expansão e da interiorização do sistema universitário federal.

Isso faz parte da assimetria da formação no Brasil. A gente tem 68 programas em São Paulo e tem 1 programa no Amapá. Então, enquanto você forma, em média, mil pessoas a cada dois anos lá em São Paulo, a gente forma 20 no Amapá. E não tem doutorado. Nós temos uma assimetria que tem que ser resolvida. É por isso que temos batido na tecla de que os programas do Norte precisam de doutorado.

Entrevistadoras: Em relação às questões materiais na vida dos estudantes, vemos disparidades diversas relativas à distribuição de bolsas. Essas questões impactam...

Djalma Thürler: É porque as bolsas vão para os programas. E os programas têm suas políticas de distribuição de bolsas. Cada programa tem o seu edital que diz que mulheres têm preferência sobre homens, que travestis e negros têm preferência sobre cis e brancos e por aí vai. A gente hoje, na CAPES, não conta licença maternidade, por

exemplo, que contava antigamente. Então se a mulher, a mãe, ficava seis meses amamentando ... Se nesse ano ela não produzisse, ela seria avaliada e penalizada.

Entrevistadoras: Por fim, uma última pergunta: percebemos uma forte distinção do financiamento entre as ciências chamadas exatas e as humanas ou sociais. Essa distinção tem justificação e, se sim, de que maneira dentro da CAPES?

Djalma Thürler: A CAPES faz a distinção de número de bolsas pela nota do programa. A distribuição interna é do programa. A gente sabe que a bolsa interfere muito. Eu nunca tive bolsa, porque sempre trabalhei e não podia ter, mas lembro como isso fazia uma diferença muito grande na relação do aluno com a universidade. Isso tem um impacto muito grande na formação e na dedicação ao estudo. Porque, no princípio, você tem essa bolsa para a dedicação aos cursos do programa. Então, a oportunidade de você ficar de manhã até a noite estudando, fazendo uma tradução, conversando com colegas do grupo de pesquisa, isso faz muita diferença.

Entrevistadoras: Agradecemos a tua disponibilidade!

Djalma Thürler: É um prazer.

Referências

THÜRLER, D. And tell sad stories of the death of queens: o camp e a metáfora da vida como teatro. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, v. 23, n. 44, p. 177-191, set.-dez., 2021. doi: <https://doi.org/10.1590/2596-304x20212344dt>

HADDOCK LOBO, Rafael. Para um pensamento úmido – A Filosofia a partir de Jacques Derrida. Tese de Doutorado Apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da PUC-Rio. 2007. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=87720. Acesso em 31 ago. 2024.

NOTAS

AUTORIA

Caroline Bresolin Maia Cadore

Doutoranda do Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH/UFSC), Mestra em Direito (IMED/Atitus)
Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH/UFSC)
carolbresolinm@gmail.com.br
<https://orcid.org/0000-0003-4975-0884>

Bárbara de Carvalho Ortega

Doutoranda do Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH/UFSC), Mestre em Educação (PPGEdu/UFMS)
barbarao.ortega@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-6724-4400>

Clara Urzedo Rocha Motta

Doutoranda do Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH/UFSC), Mestre em Psicologia (UFSC).
clara.urm@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-7065-9765>

Ana Terra de Leon

Doutoranda do Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH/UFSC), Mestra em História (PPGH/UFSC).
anatdeleon@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0008-0624-2517>

Djalma Thürler

Coordenador da Câmara 2 - Sociais e Humanidades - da Área Interdisciplinar da Capes. Professor Associado IV do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências (IHAC), Professor Permanente do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade e do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (UFBA). Doutor em Letras (UFF), Mestre em Ciência da Arte (UFF) e Bacharel em Artes Cênicas e em Pedagogia, pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNI-RIO).
Universidade Federal da Bahia (UFBA)
djalmathuerler@uol.com.br
<https://orcid.org/0000-0002-9161-0300>

Concepção e elaboração do roteiro: A.T. de Leon; B. de C. Ortega; C. U. R. Motta; C.B.M. Cadore.

Realização da entrevista: A.T. de Leon; C.B.M. Cadore; D. Thürler.

Transcrição e edição: A.T. de Leon; B. de C. Ortega; C. U. R. Motta; C.B.M. Cadore.

Revisão e aprovação: A.T. de Leon; B. de C. Ortega; C. U. R. Motta; C.B.M. Cadore; D. Thürler.

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

FINANCIAMENTO

Bolsa de pesquisa do Programa de Demanda Social da Coordenação de Aperfeiçoamento do Ensino Superior (DS-CAPES) das seguintes autoras: Caroline Bresolin Maia Cadore e Clara Urzedo Rocha Motta.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **INTERthesis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a licença *Creative Commons Attribution (CC BY) 4.0 International*. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas. Publicação no Portal de Periódicos UFSC. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITOR

Daniel Serravalle de Sá

HISTÓRICO

Recebido em: dia-mês-ano – Aprovado em: 5-09-2024 – Publicado em: 10-09-2024